

**A POLÍTICA DO ARMAMENTO DA SOCIEDADE E  
SUA CONTRADIÇÃO À LUZ DA ANÁLISE FILOLÓGICA NOS  
TEXTOS BÍBLICOS**

*Renato Faria da Gama* (UENF)

[neurologista@renatogama.med.br](mailto:neurologista@renatogama.med.br)

*Alessandra Rocha Melo* (UENF)

[amelo@iff.edu.br](mailto:amelo@iff.edu.br)

*Alonso Castro Colares Junior* (UENF)

[alonsocolares@gmail.com](mailto:alonsocolares@gmail.com)

*Rosalee Santos Crespo Istoe* (UENF)

[rosaleeistoe@gmail.com](mailto:rosaleeistoe@gmail.com)

*Sandro Reis Rocha Barros* (UENF)

[prsandroreis@gmail.com](mailto:prsandroreis@gmail.com)

**RESUMO**

A nova política de combate ao crime, que inclui movimentos em direção à flexibilização da posse e porte de armas no Brasil tem apoio da bancada parlamentar conhecida como BBB (Boi, Bala e Bíblia), eleita com a contribuição de segmentos religiosos de matriz cristã. O objetivo desta pesquisa foi realizar uma investigação filológica em busca de argumentos que substanciem o posicionamento bíblico no aval à proposta do uso de armas pelo cidadão comum sob argumentação de redução da violência na sociedade. Aplicou-se um conjunto metodológico que incluiu análise de conteúdo enquanto componente quantitativo e a análise histórico-comparativa, auxiliado por instrumentos retóricos, narrativos e semióticos dos textos bíblicos em seus originais hebraico, aramaico e grego, aplicando técnicas de exegese e hermenêutica onde figuram os vocábulos “arma”, “flecha” e “espada”, os quais se apresentam respectivamente 63, 47 e 337 vezes no Antigo Testamento e 4,0 e 33 vezes no Novo Testamento. Verificou-se que tais expressões por vezes envolvem interpretações distintas da menção direta aos instrumentos de defesa pessoal ou guerra, por exemplo, quando o vocábulo “arma” significa utensílio de viagem ou caça. Também o vocábulo “espada” por vezes apresenta um governo tirano ou violência. Após a aplicação das metodologias os autores identificaram um único texto no recorte do Novo Testamento, no qual Jesus Cristo recomendou o porte de espadas no Evangelho de Lucas e seu uso nos quatro Evangelhos. Os autores concluem que não foram encontradas recomendações contrárias ao uso de armas como instrumento de defesa pessoal.

**Palavras-chaves:**

Armamento. Linguística, Bíblia Sagrada.

**1. Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa filológica direcionada ao livro sagrado do cristianismo, direcionada à investigação de suas prescrições a respeito de temática atual do cenário sócio-político brasileiro, a saber, da legiti-

midade da posse e porte de armas pela população civil com intuito de preservação de integridade física. O estudo adotou um conjunto de metodologias que foram estratificados em busca da resposta à pergunta: “Como a Bíblia Sagrada se posiciona frente à proposta de que cidadãos comuns atuem diretamente pelo uso de armas em sua autodefesa, em vez de delegar esta atuação ao Estado e suas instâncias oficiais de segurança pública?” O primeiro momento metodológico consistiu de um debate entre os autores, em sua maioria, estudiosos da teologia, a respeito de quais seriam as palavras-chaves a ser utilizadas numa busca sistemática de características quantitativas. Eleitos os vocábulos, seguiu-se um segundo momento metodológico, do tipo análise de conteúdo, definindo o número de ocorrências dos termos chaves no texto completo. O terceiro momento teve características qualitativas, aplicando o método histórico-comparativo com objetivo hermenêutico, após o qual foi proposta a interpretação final do posicionamento das Sagradas Escrituras frente à temática. Concluídas estas fases, as palavras-chave foram analisadas em sua semântica conforme os contextos históricos, sociais e culturais dentro dos quais estes termos foram identificados. Esta última etapa teve como objetivo o estabelecimento de eventuais critérios de inclusão e exclusão, discutidos posteriormente, na sessão resultados.

Sobre cada etapa metodológica, se faz relevante um breve esclarecimento a respeito de suas técnicas e objetivos. Nahas *et al.* (2005) apresentam a ferramenta *brainstorm* como passo de grande importância para a definição das diretrizes gerais na elaboração de pesquisas científicas. Estes autores defendem que o debate livre entre autores que tenham familiaridade com o tema contribui decisivamente na construção de uma proposta relevante e de uma trajetória metodológica com menos vieses (NAHAS, 2005). Sobre a análise de conteúdo, Bardin (1977) afirma ser um método capaz de organizar as mensagens de um texto como que “em gavetas”, capaz de categorizar estas informações de forma quantitativa, objetiva e sistemática, favorecendo o processo de interpretação dos seus significados (BARDIN, 1977). Ao discorrer sobre o método em filologia, Silva (2012) apresenta o histórico-comparativo como estratégia que permite simultaneamente explicar causas e consequências de fatos linguísticos ao longo do tempo, levando também em consideração os diversos estágios de evolução das línguas e dialetos (SILVA, 2012).

## 2. Resultados

A etapa preliminar buscou elencar quais eram os vocábulos nas traduções da Bíblia para a língua portuguesa que poderiam ser utilizadas na etapa quantitativa do estudo. Ao término desta fase foram eleitos os termos “espada”, “flecha” e “arma”. A aplicação destes termos na ferramenta *Bíbliaonline* (<https://www.bibliaonline.com.br/>) trouxe os seguintes dados:

	Total de ocorrências	Ocorrências no Velho Testamento	Ocorrências no Novo Testamento	Livro bíblico onde houve maior número de ocorrências
Espada	410	377	33	Ezequiel (80)
Flecha	47	47	zero	Salmos (12)
Arma	67	63	4	1 <sup>a</sup> . Samuel (18)

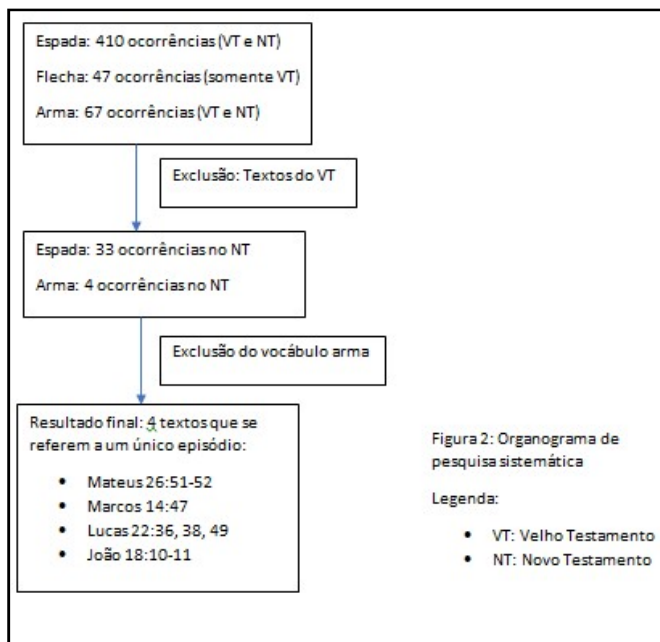
Tabela 1: Ocorrência dos termos em busca realizada na ferramenta *Bíbliaonline*.

Diante dos resultados da etapa quantitativa os autores realizaram a análise histórico-comparativa das ocorrências. O vocábulo espada surge em sua primeira ocorrência no Gênesis, livro que se acredita ter sido escrito no Século XV a.C.) (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 1999). Já no terceiro capítulo das Escrituras pode ser encontrado o vocábulo עֶרֶב. Segundo o léxico Biblehubboa parte das ocorrências do vocábulo realmente faz menção ao instrumento de guerra como conhecido hoje, apesar de também poder ser encontrado como metáfora representando uma língua que pronuncia palavras incisivas, maliciosas como em Salmo 57:4 ou como sinônimo de violência, como em Gênesis 27:40 (BIBLEHUB, 2019a). No Novo Testamento μάχαιραν é o termo utilizado nos originais gregos (BIBLEHUB, 2019b). O vocábulo flecha é encontrado exclusivamente no Antigo Testamento. Em sua primeira ocorrência, no livro de 1<sup>a</sup> Samuel, חֵצַי é usada com objetivo de comunicação a distância (capítulo 20). Apesar de apenas mencionado o arco em Gênesis 21:16, o texto bíblico apresenta também a distância percorrida por uma flecha como unidade de medida. Dentre os três termos selecionados, a palavra arma é a que encerra a maior variedade de significados. Apesar de também simbolizar instrumento de defesa, com muita frequência se refere aos utensílios adequados para caça. Vale mencionar que em muitas ocorrências o significado do original אֵרֶב pode se referir também a ferramentas ou instrumentos em geral. Este fato fica bastante claro no texto de Deuteronômio 23:13, onde diz: “E entre as tuas armas terás uma pá; e será que, quando estiveres assentado, fora, então com ela cavarás, virando-te, cobrirás o que defecaste” (BIBLEHUB, 2019c). Como os dois outros vocá-

bulos, o termo arma também é amplamente encontrado em sentido figurado, como em Romanos 13:2: “A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos, pois, as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz”.

Vencidas as etapas anteriores, foi realizada a fase qualitativa de interpretação dos textos, sobre os quais valem a pena algumas considerações. A primeira delas se refere à profunda discrepância entre as realidades sociais e políticas observadas nas sociedades do Antigo e Novo Testamento. Na primeira, são incluídas histórias que datam de mais de 2000 anos antes de Cristo (THOMAS NELSON BRASIL, 2011). Nesta época poucas eram os povos que contavam com um código definido de leis, sendo frequente que as relações entre diferentes clãs fossem baseadas num constante estado de guerra, na disputa por territórios com fronteiras fluidas e que as regras fossem definidas arbitrariamente pela soberana vontade dos reis, pelo desejo das divindades ou simplesmente pelo hábito cultural desenvolvido entre alguns agrupamentos sociais. Mesmo em se considerando os povos hebreus e os babilônicos, que contavam respectivamente com a Lei Mosaica e o Código de Hamurabi, muitas das normas enumeradas foram elaboradas em conformidade com as características socioculturais da época, dificilmente sendo possível transportar as realidades veterotestamentárias para as atuais. Vejamos alguns exemplos: Tanto no Código de Hamurabi (artigos 196, 197 e 200) quanto na Lei Mosaica (Levítico 24:20) era indicada a punição do agressor na mesma medida em que teria produzido dano ao seu semelhante, sem a interferência de um ator estatal responsável por investigar as causas, determinar culpa ou dolo, definir e executar a pena (MOURA, 2006). Por este motivo, os pesquisadores optaram por excluir os textos do Antigo Testamento do escopo da pesquisa, considerando que uma tentativa de interpretação direta de seus textos, sem uma leitura contextualizada dos seus correspondentes no Novo Testamento poderiam produzir severas distorções nas conclusões finais, sendo claramente direcionadas para a Lei de Talião. Além desta argumentação sociocultural, é relativo consenso entre os teólogos de matriz cristã que a fonte principal da doutrina se baseia sobre os escritos do Novo Testamento (EGGER, 2005).

Frente aos pressupostos apresentados nos parágrafos acima, os autores entenderam adequado estabelecer como critério de exclusão: 1) Os textos do Antigo Testamento; 2) A palavra chave “arma” considerando a ampla possibilidade de seus significados e os riscos de equívocos de interpretação.



### 3. *Discussão:*

Após a aplicação dos critérios de exclusão restou apenas um episódio, descrito nos quatro Evangelhos, conjunto de livros que descrevem a história de Jesus. A cena é a que precede a prisão do Cristo pelos soldados do Sumo Sacerdote. A sequência de eventos, contada em mais ou menos detalhes em cada livro indica que:

1. Jesus recomenda que os discípulos modifiquem sua atitude frente ao mundo fora da comunidade de fé. Até então tinham sido recomendados a andar apenas com as roupas do corpo, sem levar dinheiro ou ferramentas, esperando serem sustentados por ofertas daqueles que fossem aderindo à nova fé. Doravante os discípulos não deveriam esperar receber outro tratamento que não fosse a hostilidade. Assim, receberam o conselho de adquirir espadas;
2. Os discípulos respondem que estão de posse de duas espadas, ao que Cristo replica ser em número suficiente;
3. No momento da chegada de Judas Iscariotes com o Sumo Sacerdote e seus soldados os discípulos questionam se devem usar a espada. Não há registro se Cristo respondeu a esta pergunta;

4. Simão Pedro reage e corta a orelha de Malco, servo do Sumo Sacerdote;
5. Jesus o adverte a guardar a espada, diz que aquele que impunha a espada, pela espada será destruído e ressalta que utilizar a espada para defendê-lo naquela circunstância seria impedir o cumprimento de sua missão na Terra.

O texto aparentemente expõe situação de dubiedade, uma vez que Jesus orienta ao porte das espadas e considera duas suficientes. Ao desembainhá-la, Simão Pedro dá a crer que o silêncio de Cristo não foi um sinal de proibição a usar a espada. No entanto, após o ato de defesa, o Nazareno manda guardar o armamento e faz algumas afirmações que podem ser compreendidas pelo contexto doutrinário das Sagradas Escrituras. O primeiro deles é que Jesus não pediu proteção humana, mas recomendou que cada um estivesse preparado para sua própria defesa. O segundo, que ao afirmar que os que usavam espadas morreriam ao fio delas, Cristo estava trazendo um aviso profético de que muitos dos discípulos também sofreriam perseguição e seriam mortos pelos governantes e religiosos da época.

#### **4. Conclusão**

Após submeter o texto bíblico a uma análise sistemática e utilizando métodos consagrados para a investigação linguística e interpretação dos textos escritos os autores não identificaram orientações doutrinárias que proibam o uso de armas para autodefesa dos cidadãos comuns. Apesar de excluído o texto veterotestamentário não existem evidências de que sua inclusão revelasse resultado diferente, considerando as características socioculturais da época, como frequente estado de guerra entre povos e o fato de que os poucos códigos legais disponíveis estimulavam a retaliação do dano na mesma medida, sem a existência de instancias governamentais que regulamentassem a investigação, julgamento e execução de penas. Este estudo não pretende dar a última palavra a respeito desta temática, mas consiste num movimento de investigação das Escrituras Sagradas utilizando ferramentas linguísticas, num ambiente acadêmico, não-confessional, considerando que, a aplicação de dogmas religiosos têm sido levados em consideração na formulação de políticas públicas ao longo dos últimos meses e faz-se relevante que o teor destes escritos sejam submetidos a meticulosos estudos visando à adequada compreensão dos seus sentidos, tanto por adeptos da fé cristã, quanto por atores do cenário político e da sociedade civil organizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NAHAS, Fabio Xerfan; HOCHMAN, Bernardo; FERREIRA, Lydia Massako. Desenvolvimento do estudo: estratégia inicial. In: *Acta Cirúrgica Brasileira*, São Paulo, v. 20 (Suppl 2), 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/acb/v20s2/v20s2a03.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2019.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

SILVA, José Pereira. O método em filologia. In: *Soletras*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 249-69, 2012.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. O primeiro livro de Moisés chamado Gênesis. In: \_\_\_\_\_. *Bíblia de Estudos de Genebra*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BIBLEHUB. 2719.chereb. Disponível em <http://biblehub.com/hebrew/2719.html> Acesso em 28 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. 3162.machairan. Disponível em [https://biblehub.com/greek/machairan\\_3162.htm](https://biblehub.com/greek/machairan_3162.htm). Acesso em 28 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. 240.azen. Disponível em <https://biblehub.com/hebrew/240.htm>. Acesso em 28 abr. 2019.

THOMAS NELSON BRASIL. Da criação aos patriarcas e do êxodo à conquista. In: \_\_\_\_\_. *Bíblia de Estudos Integrada*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011.

MOURA, Ozeas Caldas. Leis Mosaicas: Plagiadas do Código de Hamurabi? In: *Hermenêutica*, Salvador, v. 6, p. 19-26, 2006.

EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*: Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.